



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-
BRASILEIRA – UNILAB**

Instituto de Humanidades e Letras – IHL

Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades – BHU

Trabalho de Conclusão de Curso – TCC

**KANINDÉS DE ARATUBA: A HISTÓRIA CONTADA ATRAVÉS DO
MUSEU E DOS RELATOS ORAIS**

Discente: Thais Karine Madeiro de Queiroz

Docente: Prof. Dr. Roberto Kennedy Gomes Franco

REDENÇÃO – CE

2016

THAIS KARINE MADEIRO DE QUEIROZ

**KANINDÉS DE ARATUBA: A HISTÓRIA CONTADA ATRAVÉS DO
MUSEU E DOS RELATOS ORAIS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

Orientador: Prof. Dr. Roberto Kennedy Gomes Franco.

REDENÇÃO – CE

2016

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Sistema de Bibliotecas da UNILAB
Catalogação de Publicação na Fonte.

Queiroz, Thais Karine Madeiro de.

Q42k

Kanidés de Aratuba: a história contada através do museu e dos relatos orais / Thais Karine Madeiro de Queiroz. - Redenção, 2020. 38f: il.

Monografia - Curso de Humanidades - Trimestral, Instituto de Humanidades, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Redenção, 2020.

Orientador: Prof. Dr. Roberto Kennedy Gomes Franco.

1. Índios Kanidé - Ceará. 2. Museu - Identidade étnica. 3. História oral. I. Título

CE/UF/BSP

CDD 305.898098131

THAIS KARINE MADEIRO DE QUEIROZ

**KANINDÉS DE ARATUBA: A HISTÓRIA CONTADA ATRAVÉS DO
MUSEU E DOS RELATOS ORAIS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Coordenação do Bacharelado Interdisciplinar em
Humanidades da Universidade da Integração
Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira -
UNILAB, como requisito parcial para a obtenção do
título de Bacharel em Humanidades.

Aprovada em ____/____/2016

Nota: _____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Roberto Kennedy Gomes Franco (Orientador)
Instituto de Humanidades e Letras IHL
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

Prof. Dr. Elcimar Simão Martins
Instituto de Ciências Exatas e da Natureza - ICEN
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB

Prof^a. Dr^a. Francisca Rosália Silva Menezes
Instituto de Humanidades e Letras IHL
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB

À minha família e a todo o povo Kanindé.

AGRADECIMENTOS

Certamente começarei meus agradecimentos pelos meus pais, Claudia Queiroz e Francisco José Queiroz, que me proporcionaram tudo que foi possível para que eu chegasse até onde cheguei. Todo o amor, todo o cansaço, todo o trabalho e empenho por eles dado a mim e a minha irmã, refletem agora neste momento tão importante para mim e com certeza para eles também. Aos meus pais eu devo tudo e amo incondicionalmente!

A minha irmã Shofia, pelo compartilhamento de histórias, brincadeiras, cuidados e que fez minha vida mais feliz a partir do dia em que nasceu.

A toda a minha grande família, que sempre me apoiou e esteve presente em vários momentos de minha vida e que com certeza fazem da minha existência muito mais feliz.

Ao meu companheiro Fellipe Farias, que tanto me ajudou e me apoiou em todos os momentos no decorrer do curso, da Universidade e da vida. Que esteve comigo em todos os dias ruins e bons e que sempre me encorajou por mais que fraquejasse. A você a minha eterna gratidão.

Ao meu orientador, Roberto Kennedy, que aceitou assumir o meu trabalho já no meio do caminho, mesmo com muita coisa a ser feita e com pouco tempo. Obrigada por me ajudar a fazer com que esse trabalho se realizasse.

A todo o povo Kanindé, a minha imensa e eterna gratidão, em especial a Antônia Kanindé, que me guiou pela comunidade, me auxiliou nas entrevistas, tirou minhas dúvidas em questões relacionadas à comunidade e me deu todo o suporte que eu precisava nos trabalhos de campo. Obrigada, Antônia!

As pessoas que me receberam nas suas casas, Cacique Sotero e Dona Teresa, Pajé Maciel e sua família, Dona Maria Soares e seu filho, Zé Maciel e sua família, e que também me deixaram conhecer um pouco das suas vidas me concedendo as entrevistas. A Valdilane Alexandre, que aceitou me conceder uma entrevista e falar da sua experiência na Universidade, o meu muito obrigada a todos vocês! Não tenho palavras para agradecer a confiança que depositaram em mim e o carinho com que me receberam em suas casas e na comunidade em geral.

À Deus, pelo dom da vida.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo abordar a história dos índios Kanindé de Aratuba, mostrando como foi sua trajetória até chegarem na região de Aratuba após a política de terras que expulsou os índios das sesmarias e espalhou-os pelos territórios do Ceará e região. A história dos Kanindé é contada a partir de duas representações: o museu dos Kanindé (MK) representando o patrimônio material e mostrando como é importante para a afirmação étnica da comunidade como um símbolo de resistência étnica e cultural e a história oral representando a importância da oralidade e como estas histórias exercem um papel importante para a construção e manutenção da história da comunidade.

Palavras-chave: Kanindé; Museu; Oralidade; História.

ABSTRACT

This study aims to address the history of the Indians of Kanindé Aratuba, showing how was your trajectory to reach the Las Vegas region after the land policy that drove the Indians of sesmarias and spread them by territories of Ceará and region. The story of the Kanindé is told from two representations: the Museum of Kanindé (MK) representing the material heritage and showing how important it is for the assertion of ethnic community as a symbol of ethnic and cultural resistance and oral history representing the importance of orality and how these stories play a important role in the construction and maintenance of the history of the community.

Keywords: Kanindé; Museum; Orality; Story.

LISTA DE FOTOS, GRÁFICOS E TABELAS

Figura 1	Dança dos Tapuias Tarairiús. ECKHOUT, Albert. Óleo sobre tela, s.d, 168x294 cm. Museu Nacional da Dinamarca, Copenhague.	13
Figura 2	Mulher Tapuia Tarairiú. ECKHOUT, Albert. Óleo sobre tela, 1641, 266x159 cm. Museu Nacional da Dinamarca, Copenhague.	14
Foto 3	Museu dos Kanindé (2016)	19
Foto 4	Museu dos Kanindé (2016)	19
Foto 5	Museu dos Kanindé (2016)	20
Foto 6	Museu dos Kanindé (2016)	20
Foto 7	Museu dos Kanindé (2016)	21
Foto 8	Museu dos Kanindé (2016)	22
Foto 9	Colheres em artesanato de madeira (2016)	30

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

MK	Museu dos Kanindé
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
FUNAI	Fundação Nacional do Índio
BHU	Bacharelado em Humanidades

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	08
1	OS ÍNDIOS NO NORDESTE	10
1.1	OS ÍNDIOS KANINDÉS	12
2	O MUSEU DOS KANINDÉS	17
2.1	O NÚCLEO EDUCATIVO	22
3	HISTÓRIA ORAL: A IMPORTÂNCIA DA ORATÓRIA NA IDENTIDADE KANINDÉ	26
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	32
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	33

INTRODUÇÃO

Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) faz parte do curso do Bacharelado em Humanidades (BHU), que mantêm uma proposta de interdisciplinaridade entre áreas das Ciências Humanas. O objetivo deste estudo é abordar e repassar a história dos índios Kanindés de Aratuba, mostrando como se deu, e se dá o processo de afirmação étnica e identitária destes sujeitos. A ideia desse trabalho surgiu durante as aulas do Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades na disciplina Colonização e Pensamento Antropológico II onde pude estudar e conhecer mais a trajetória dos índios em nosso país, mas me interessei em saber um pouco mais sobre a história dos índios no Ceará, por que até então, os estudos sobre os indígenas do Ceará ainda são poucos e muitos ainda creem que não exista índios em nosso estado, contudo resolvi me focar em apenas uma etnia, pouco conhecida e abordada por estudiosos.

A principal finalidade deste trabalho é contar e recontar a história dos Kanindés de Aratuba, como sua trajetória é vista e afirmada através dos objetos do museu dos Kanindé e como esse museu se faz importante para estes sujeitos, e também mostrar suas narrativas através da história oral, muito importante para esta etnia, já que sua história não é muito conhecida e o seu processo de reconhecimento e afirmação ter apenas vinte anos, muito recente em comparação com outras etnias. Os relatos orais são muito importantes para a construção da identidade deste povo.

A princípio, a proposta inicial deste estudo era apenas abordar as questões que envolvem o Museu dos Kanindé, mas decidi não me limitar apenas aos objetos e ao espaço físico do museu e sim aproveitar o que havia também de importante que era a história viva da comunidade, contada pelos mais velhos do local, e vivenciada por todos do lugar. A proposta interdisciplinar do BHU nos mostra caminhos a ser percorridos, e nos dá uma amplitude de campos a serem estudados e pesquisados.

Para isso, a metodologia usada neste trabalho consiste na pesquisa bibliográfica, em que eu me baseio basicamente no estudo da dissertação de mestrado, *Aquilo é uma coisa de índio: objetos, memória e etnicidade entre os Kanindé do Ceará*, de Alexandre Gomes, que estudou a comunidade, e sua dissertação concede uma grande fonte material da história dos Kanindé, como também outros autores que estudaram ou estudam os índios tanto do Nordeste quanto do Ceará, tais como, João Pacheco de Oliveira, Amanda Santos Soares, entre outros. Também foi usado o método da etnografia e a pesquisa de campo, onde temos como

referência Bronislaw Malinowski que foi de fundamental importância para as leituras antes de ir a campo, pesquisas estas que foram enriquecidas com entrevistas e fotos colhidas durante as visitas à comunidade, os autores que usei para nortear as entrevistas foram Thompson (1992), Pollak (1992), Franco (2015) e Xavier (2009).

Este trabalho está organizado em três capítulos. O primeiro capítulo está dividido em dois tópicos onde no primeiro abordo a questão dos indígenas no Nordeste como se deu o processo desde o dito “sumiço” dos índios nessa região e a ascensão da luta dos indígenas e remanescentes para a afirmação cultural e étnica destes. No segundo tópico trato da história dos Kanindé desde como a sua etnia surgiu a partir do chefe Kanindé da nação Tapuia e a trajetória destes até chegar na região do maciço de Baturité e assim fixar-se em Aratuba, especificamente no sítio Fernandes.

O segundo capítulo também está dividido em dois tópicos. O primeiro trata sobre o museu dos Kanindé (MK), no qual eu discorro como este se compõe, qual a história deste lugar, como surgiu o museu, de quem partiu a iniciativa para o recolhimento das peças e assim montar a história da comunidade, como estão expostas as peças. No segundo tópico apresento o núcleo educativo do museu dos Kanindé. Este grupo é composto de jovens da comunidade que cuidam do museu e são responsáveis por todas as atividades do Museu dos Kanindé, desde a manutenção, o cuidado das peças às visitas guiadas pelo museu.

No terceiro capítulo trago a história oral dos Kanindé contada pelos e pelas líderes da comunidade, não só aqueles e aquelas que fazem parte ativamente das lutas por conquistas na comunidade, mas também aqueles e aquelas que sustentam a história deste grupo através das suas histórias que foram e são contadas gerações após gerações. Neste capítulo abordo basicamente as entrevistas que realizei com estas pessoas através até mesmo de conversas informais.

1. OS ÍNDIOS NO NORDESTE

Foram 506 anos de dominação e, em que pesem as profecias de extinção definitiva dos povos indígenas no território brasileiro, previstas ainda no milênio passado, os índios estão mais do que nunca vivos: para lembrar e viver a memória histórica e, mais do que isso, para resgatar e dar continuidade aos seus projetos coletivos de vida, orientados pelos conhecimentos e pelos valores herdados dos seus ancestrais, expressos e vividos por meio de rituais e crenças. (Pacheco, 2006, p. 18)

A história dos índios do nordeste desde sempre é abafada e considerada como se não existisse, como se não houvesse índios na região, principalmente no Ceará. A história contada sempre é a de sua conquista, do ponto de vista do outro, do colonizador, não dos próprios indígenas ou remanescentes. Sua identidade étnica, sua cultura, foram suprimidas pela colonização e pelas marcas que esta deixou.

O índio nordestino se transformou no caboclo, totalmente assimilado, que servia como mão de obra para o serviço colonial e uma ajuda na colonização por já conhecerem o território a ser explorado e já estar adaptados ao local.

A visão estereotipada do índio como selvagem, preguiçoso, foi uma ferramenta para que se justificasse a forma rígida como eram tratados. Essa visão preconceituosa sobre os índios resulta até hoje na negação da existência de índios no Nordeste, e assim reforça o preconceito para com as etnias que agora estão ressurgindo e auto afirmando-se como indígenas. Segundo OLIVEIRA, 2006, P. 30:

Para muitos brasileiros brancos, a denominação tem um sentido pejorativo, resultado de todo o processo histórico de discriminação e preconceito contra os povos nativos da região. Para eles, o índio representa um ser sem civilização, sem cultura, incapaz, selvagem, preguiçoso, traiçoeiro etc. Para outros ainda, o índio é um ser romântico, protetor das florestas, símbolo da pureza, quase um ser como o das lendas e dos romances.

Os colonos queriam as terras, e por isso foram adotados meios para que os indígenas desocupassem as regiões:

(...) (a) o extermínio, utilizando-se dentre outros meios a guerra 'justa', disseminação de doenças, (b) a criação das aldeias indígenas pelos missionários (...), (c) finalmente a possibilidade de serem expulsos para regiões ainda não ocupadas pelos 'colonizadores'. (PINHEIRO, 2000, P. 28).

As etnias presentes no Ceará passaram por um processo de etnocídio, onde estas foram dizimadas pelo contato com o colonizador, através das doenças adquiridas, as guerras, como também passaram por um processo de etnificação, quando o colonizador impõe suas regras e seus costumes ao colonizado, como aconteceu, não só com os índios do Nordeste, mais de todo o país, que foram catequizados, deixando assim suas crenças de lado para acreditar no deus do outro, quando tiveram que mudar seu modo de vestir, seu comportamento, tudo isso em detrimento das imposições do colonizador. “A imposição do modo de vida europeu levou ao extermínio milhões de povos nativos da América. Tal imposição atentava contra o modo de vida desses povos ao buscar negar sua cultura, sua expressão religiosa, (...)”. (PINHEIRO, 2000, p. 20). Assim, o colonizado, o índio no caso, como resposta ao estímulo forçado pelo colonizador, o indígena se adapta, recria e reproduz tudo que lhe foi imposto, dando origem assim ao caboclo. O Caboclo nada mais é que o índio, que não se identificava como tal, mas também não podia se identificar como branco, assim ele se aproximava ao máximo de uma raça que não lhe pertencia, era na verdade a negação de sua identidade. (OLIVEIRA, 2006)

Os índios do Nordeste nunca tiveram muita visibilidade, a começar pelos etnólogos, que sempre mantiveram pouco interesse em estudar os nativos do Nordeste. Existem poucos estudos e pesquisas voltados para os indígenas do Nordeste.

Segundo Amanda Soares:

O estudo dos índios do Nordeste foi por muito tempo esquecido. Seus estudos limitavam-se à análise arqueológica dos índios da época do descobrimento, voltando-se ao passado como se não se pudesse mais estudá-los no presente. (SOARES, p. 02)

A história dos indígenas aqui é marcada pelas lutas por reconhecimento de sua identidade, de sua etnia, marcada também pela luta para conter as invasões dos posseiros e latifundiários em suas terras. Estes povos viviam em silêncio, “escondidos” para que não sofressem perseguições, mas, a partir da década de 30, a luta pelo reconhecimento étnico começou e não cessou desde então. No entanto, no Ceará, a mobilização dos movimentos pela causa indígena começou em 1980 onde os indígenas do Ceará enfrentaram, e ainda enfrentam, todos os seus opressores, e desmistificaram o “mito” de que não havia, nem há, índios no Ceará.

Segundo o último censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), que foi divulgado em 2010, o Ceará é um dos estados do Nordeste em que o ressurgimento

étnico é mais latente, ele possui, de toda a população do estado, 19.336 pessoas autodeclaradas como indígenas. Segundo o censo de 2010, a população autodeclarada indígena, se concentra principalmente, nas áreas urbanas, 33,7%, enquanto que nas áreas rurais se concentra 20,4%. Existem cerca de 3.071 pessoas, só na região metropolitana de Fortaleza, que se auto afirmam como indígenas. Também, mais de 90% dos municípios cearenses possuem nome com origem indígena.¹

Com a mobilização política inicial dos Tapeba (Caucaia) e dos Tremembé de Almofala (Itarema) e dos Pitaguary (Maracanaú) e Jenipapo-Kanindé (Aquiraz), posteriormente, a Fundação Nacional do Índio (FUNAI) passou a reconhecer a presença indígena no Ceará. Hoje, assistimos a uma crescente organização étnica no Estado, onde o processo de etnogênese atinge diversas populações no interior, somando treze etnônimos e mais de 20 comunidades étnicas diferentes (GOMES; NETO *apud* PALITOT, 2009, p.39).

Os dados são claros em afirmar que existe, e sempre existiu índios no Ceará. A tentativa de apagar os vestígios de povos que sempre existiram, alguns que foram extintos pela colonização, não aconteceu e o movimento indígena agora ganha mais força, com várias comunidades étnicas se autodeclarando como indígenas e reafirmando sua posição perante a sociedade.

1.1 OS ÍNDIOS KANINDÉ

Entre vários povos indígenas existentes no Ceará, enfatizo os Kanindé. Não existem muitos dados sobre este povo, apenas alguns apontamentos relatados em estudos históricos, sabe-se, porém, que estes eram parentes dos Jenipapo e Paiacú, e que se deslocavam, migravam com frequência antes de serem alocados em Monte Mor (Baturité) e Pacajus. (GOMES, 2012, P. 77). Este povo descendente da grande nação tapuia², já aparecia nos registros das primeiras obras sobre o Ceará, onde ocupavam as margens das bacias dos rios Choró, Quixeramobim e Banabuiú. Se organizavam em torno de 50 famílias e em 1734

¹ Os Indígenas no Censo Demográfico 2010: primeiras considerações com base no quesito cor ou raça. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão; Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. 2010. Disponível em: http://www.ibge.gov.br/indigenas/indigena_censo2010.pdf. Acessado em: 06/09/2015.

² Tapuia era como os Tupis denominavam os outros índios que não falavam a sua língua. Em Tupi, Tapuia significa “forasteiro”, “bárbaro”, “inimigo”. Os portugueses também denominavam – os como Tapuias pois, como eles tinham mais contato com os Tupis, adotaram esta palavra para denominar todos os outros índios que não eram Tupis. (FARIAS, Airton de. *Uma breve história do índio no Brasil*. Fortaleza: Sistema Ari de Sá de Ensino, 2012. P. 06.)

receberam uma sesmaria³. Em 1739 foram agrupados junto com os Jenipapo, e em 1764, foram transferidos para a vila Monte-mor-o-novo- D'América, que hoje chama-se Baturité. (GOMES, 2012, P. 78)

Os Kanindés faziam parte do grupo indígena Tarairiú, juntamente com os Jenipapos e os Paiacú, que também eram da raça Tapuia. O rei dos Tarairiús era chamado Janduí, e os seus comandados eram chamados Janduí, ele era considerado “o rei do sertão”. Essa tribo era muito temida e deram assistência aos holandeses na época da invasão,⁴ massacrando os Portugueses. Os Tarairiús foram retratados em pinturas Holandesas, como podemos ver nas imagens:

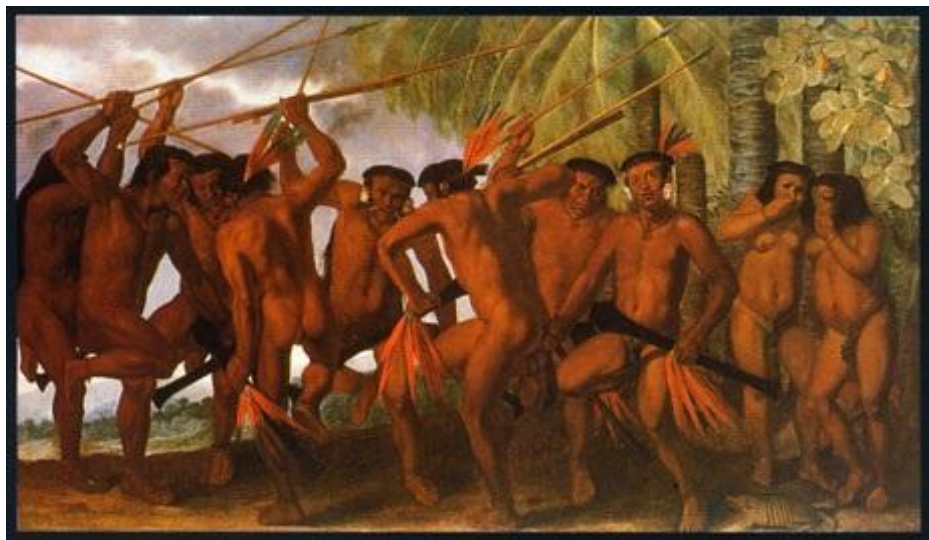


Figura 1 – Dança dos Tapuias Tarairiús – Albert Eckhout
Fonte: SANTOS, 2014, p.28.

³ Sesmarias eram pedaços de terras oferecidos aos índios para que praticassem a agricultura, e a criação de gado. Mas eles teriam que seguir uma série de normas impostas pelos portugueses. Estas serviam também como uma forma de os jesuítas obterem um controle maior sobre os nativos.

⁴ Em 1637, a região do Ceará, que era denominada Siará na época, foi invadida pelos Holandeses que vieram a mando do príncipe Maurício de Nassau e tomaram o forte de São Sebastião. Disponível em: <http://www.ceara.gov.br/historia-do-ceara>. Acessado em: 11/09/2015.

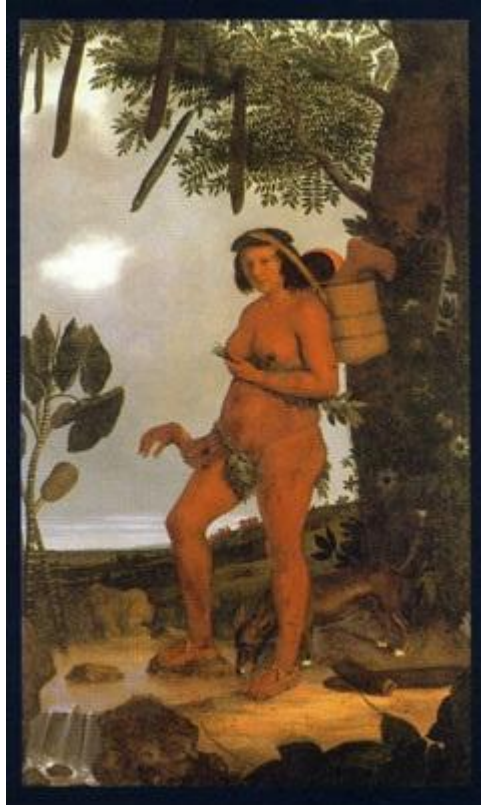


Figura 2 – Mulher Tapuia Tarairiú – Albert Eckhout
 Fonte: SANTOS, 2014, p.28.

Com a derrota dos holandeses os Tarairiú, principalmente os Janduís, se rebelaram e protagonizaram a batalha contra a Portuguesa chamada “Guerra dos Bárbaros”.

Um dos principais líderes dos Janduís era chamado Canindé. Quando Janduí morreu, quem o sucedeu na liderança do grupo foi Canindé, um guerreiro de destaque. Os índios que descenderam das tribos comandadas por Canindé passaram a se chamar de Canindés, uma alusão ao chefe e à ancestralidade, embora continuassem sendo conhecidos pelos portugueses como Janduís.

Este guerreiro de destaque, Canindé, liderava “toda a nação janduí, difundida em 22 aldeias, sitas no sertão que cobre a capitania de Pernambuco, Itamaracá, Paraíba e Rio Grande, em que há 13 para 14 mil almas e 5 mil homens de arco, destros nas armas de fogo” (Gomes *apud* Puntoni, 2002, p.300). Ele assinou um tratado de paz em 10 de abril de 1692, com o rei de Portugal. Gomes (*apud* Puntoni, 2002, p.300-301) cita algumas condições do tratado de paz:

O estabelecimento de laços de vassalagem entre Janduí e o rei de Portugal; a garantia da “liberdade natural” dos índios e suas aldeias; que batizariam e seguiriam “à lei cristã dos portugueses”; que defenderiam a possessão portuguesa de “armadas inimigas”; fariam guerra aos índios que a fizessem aos portugueses; os avisariam sobre ouro e prata encontrados em suas terras; permitiriam o repovoamento dos currais de gado ao longo dos rios

principais, que haviam sido devastados, desde que garantissem as terras suficientes para suas aldeias e que recebessem devidamente o pagamento por trabalhos feitos e serviços prestados aos portugueses (plantio, pescaria, colheitas etc.)

Ao optar pela vassalagem, o chefe Canindé conseguiu uma forma de garantir terra para o seu povo. O chefe da nação Canindé, solicitou uma sesmaria em 1731, ao governador de Pernambuco, em um local denominado como “muxio”. (Gomes, 2012, p.86). Esta sesmaria serviria também como aldeamento missionário pelo fato deles ter solicitado um padre.

Ao optarem pelo aldeamento, os Canindés foram reunidos juntamente com os Jenipapos, por descenderem da mesma raça e compartilharem a mesma língua, sendo o índio Miguel da Silva Cardoso, um Jenipapo, o capitão.

Depois desse agrupamento os Canindés e Jenipapos foram realocados em “Aldeia Velha (próximo ao tabuleiro d’ Areia, município de Limoeiro), para o Saco da Serra da Palma (sul do açude Cedro, município de Quixadá), para a ribeira do rio Quixeré” (Studart Filho, 1963b *apud* Gomes, 2012, p. 90).

Depois disso, a missão em que eles estavam, conhecida como Nossa Senhora da Palma, foi mandada para o maciço de Baturité em 1764, que se chamava “Monte-mor, o-novo-d’ América”. A vila de “Monte-mor-o-novo” era quase que completamente composta por índios. Os relatos do padre Almeida Machado e do governador Barba Alardo, contam que na vila havia uma população indígena muito grande. “Em 1808, Alardo estima a sua população em 2.745 pessoas.” (Gomes, 2012, p.92)

Após essa data de 1764, não se sabe como os Canindés viveram a partir daí. Não sabemos se foram realocados para outro lugar, mas devido a política de terras de 1850:

(...) que pretendia regularizar as propriedades rurais em todo o Brasil, houve um significativo fluxo migratório, tanto da zona litorânea como do sertão, para cercanias das antigas vilas que se encontravam com seu núcleos urbanos em expansão. Os participantes desse fluxo migratório foram se fixando como produtores agrícolas. Em decorrência desse fenômeno, o governo provincial passou a extinguir, de forma sistemática, os aldeamentos indígenas e a incorporar suas terras às respectivas comarcas e municípios em formação. Esse processo é considerado como terceira “mistura”, tida como a mais radical, pelo fato de ter limitado consideravelmente as posses territoriais da população indígena. (LEITE NETO, 2006 *apud* OLIVEIRA, 2004).

Os aldeamentos foram se extinguindo e os índios migrando para outros locais, alguns ficavam na região e procuravam trabalho nas fazendas, misturando-se a população.

Em 1874, os irmãos Francisco dos Santos, firmaram um termo de aquisição de um “pedaço de terra de plantar nas quebradas da serra do Baturité no lugar denominado Fernandes nos distrito de Cuité, termo de Baturité, província do Ceará”, assinado por um dos irmãos, Joaquim Francisco dos Santos. Estavam presentes oito pessoas, dentre as quais estavam os irmãos Francisco, a esposa de Joaquim Francisco dos Santos, D. Francisca Clara de Azevedo, as testemunhas Manoel Severiano da Silva e José Ribeiro de Freitas e o escrivão Luiz Francisco de Melo Silva que foi chamado para o documento de posse das terras dos irmãos Francisco no sítio Marés no distrito de Coité. (GOMES, 2012)

A partir desse documento, os Kanindés tinham a posse das suas terras onde ainda habitam, e estes citam os três irmãos, Joaquim, Raimundo e João Francisco dos Santos, como pessoas muito importantes em sua história, pois eles garantiram as terras delimitadas e legalizadas para a comunidade.

A etnia Kanindé, está dividida nos sítios Gameleira, Nojosa, Alto Bonito e Negreiros, e a maioria reside na cidade de Aratuba, no sítio Fernandes - que possui esse nome pois nesse local morava uma família de sobrenome Fernandes, costume que se tem no interior de nomear lugares, localidades com o sobrenome da maior ou mais influente família que mora no local - outros porém, permanecem na cidade de Canindé.

Não se pode identificar a verdadeira identidade dos Kanindés, acredita-se que a comunidade foi formada através de interações entre indígenas que residiam ao longo da região. O relato, colhido por Alexandre Gomes, de um morador da comunidade Gameleira, o senhor Chico Silva, nos afirma a presença de índios na região, mas não se sabe ao certo se eram da mesma etnia, ou parentes, dos Kanindés, “Aqui era tudo cheio de índio. Era uma aldeia só, daqui até o Canindé. (...) os índios se dirigiam dali para o Ipu. Essa região era toda uma aldeia só.”.

Esses índios que o senhor Chico Silva cita pode ser que não sejam da mesma etnia que os Kanindés, e nem que sejam parentes ou que tiveram relações mais próximas com estes, mas havia o conhecimento sobre esses outros índios (GOMES, 2012).

A história contada tanto pelo material presente no Museu dos Kanindés, quanto a história oral é muito importante para a preservação dessa identidade, é importante para que a luta pelo reconhecimento e pela auto-afirmação não cesse e que seja passada através de gerações, como foi passada para os mais velhos da comunidade.

2. O MUSEU DOS KANINDÉ

“[...] o museu são histórias, aí fui arrumando as primeiras pecinhas. Pra mim o museu são histórias. É só coisa feia, mas é uma coisa da cultura da gente. [...]” (Cacique Sotero)⁵

Cacique Sotero, na sua infância encontrou uma pedra preta e perguntou a mãe dele para que servia aquela pedra, a mesma disse que era utilizada pelos índios da comunidade para escreverem já que não havia outro meio de escrita na época, a partir dessa informação que recebeu de sua mãe, Sotero criou curiosidade a respeito, por que ele já ouvia falar que a comunidade era indígena, porém havia o medo de se assumir. A partir da curiosidade que surgiu de uma pequena pedra, Sotero começou a juntar peças e o acervo do museu hoje conta com mais de 450 peças desde a primeira pedra.

O museu indígena foi fundado em 1995, quando José Maria Pereira dos Santos, o cacique Sotero, reuniu todos os objetos que ele havia começado a recolher, peças artesanais que encontrava ou que foram dos seus antepassados. Contando com a ajuda de toda a população da comunidade. O local onde o museu estava instalado, já havia servido como “bodega” onde o cacique Sotero vendia produtos alimentícios. Ficava perto de sua casa e da casa de seus dois filhos, Suzenilson e Suzenilton “Sapirôco”. O museu agora fica em uma sala ao lado da escola diferenciada, escola esta que foi pensada e fundada após o museu e inaugurada no ano de 1999. Antes de abrigar o museu funcionava naquele espaço um viveiro, que fazia parte de um projeto para o reflorestamento da comunidade, nas aulas vagas da escola, os alunos visitavam o local e faziam o cultivo de algumas mudas naturais da região.

O MK preserva objetos importantes para a memória da comunidade que contam um pouco da história do povo. É um centro de referência, um estabelecimento do olhar dos próprios índios. A partir do estabelecimento do museu, a comunidade começou a despertar para os movimentos de luta visando o seu reconhecimento étnico. O cacique Sotero montou o museu já idealizando, futuramente, a construção de uma escola para educar as crianças e jovens da comunidade.

O museu não está organizado necessariamente por ordem de importância, os responsáveis pela organização, no caso os jovens do núcleo educativo, organizaram seguindo uma divisão categórica, apenas para colocar em ordem as peças, mas a ordem de apresentação não segue um roteiro, por que eles creem que todas as peças são importantes, nenhuma tem

⁵ Entrevista colhida por Alexandre Gomes.

uma importância a mais que a outra. “Na pequena sala amontoam-se, expostos na parede, centenas de objetos dos mais variados tipos, que constroem sentidos diversos entre si, outros estão espalhados por mesas e no chão (...)” (GOMES, 2012, P. 99).

Segundo Gomes (2012, P. 101):

Foram se acumulando objetos representativos das vivências em um presente indígena (participação em atos, reuniões, viagens, materiais de eventos e mobilizações, objetos rituais, adornos corporais, jornais, fotografias etc.) e das investigações documentais que começaram a fazer, das seleções e descartes, das apropriações e invenções, das ações voltadas para a construção de um passado no qual falam dos ancestrais, de suas migrações e territorialização, resistência e sofrimento, perseguições e lutas para manter a posse das terras.

Visitando o museu, pode-se notar uma certa ordem de apresentação, mas que não precisa ser necessariamente seguida. A primeira parte é composta por jornais, arquivos do povo Kanindé e de outras etnias com lideranças Kanindés, como o Cacique Sotero, Seu Cícero e algumas outras lideranças da comunidade. Nessa primeira parte também conta com documentos importantes, como a documento da compra da terra da cidade de Aratuba, que na época chamava-se Coité e também o imposto territorial da terra da comunidade. A terra foi comprada por familiares que residiam na comunidade, mas com o falecimento dessas pessoas, o imposto anual sobre a terra não foi pago, e o terreno agora é do governo, só eles podem tomar decisões a respeito da terra. Existe algumas mais outras matérias de jornais sobre movimentos indígenas, onde o Cacique Sotero sempre aparece, como a principal liderança indígena da comunidade, ele sempre está à frente dessas questões.

Na segunda parte do museu, vemos o artesanato do povo Kanindé, eles trabalham com artesanato de sementes, madeira, trançado em cipó e em palha. Os colares presentes para a exposição alguns foram trazidos de fora, mas a grande maioria é da região. Os artefatos de madeira são feitos por uma família dos Kanindé, que é especializada nessa área, são utilizados também no artesanato cabaças, que servem para colocar água. Outra parte do artesanato do povo Kanindé, é a produção de maracas, algumas pessoas da comunidade produzem marácas, utilizando coité, madeira e sementes naturais ou sementes de chumbo para dar o chiado. O artesanato em palha da comunidade é composto por chapéus, peneiras. Artesanato em pena na comunidade é feito principalmente pela esposa do cacique, Dona Teresa, conhecida por Teresa do Sotero.



Foto 3 – Museu dos Kanindé (2016)



Foto 4 – Museu dos Kanindé (2016)

Também está exposto a parte animal, onde eles contam com uma variedade de espécies, que são típicas da comunidade. “Os bichos no MK saltam às vistas de qualquer visitante, seja por ocuparem a maior parte do espaço, seja pela diversidade de cores, formas ou materiais dos quais são feitos.” (GOMES, 2012, P. 99). Estão expostos patas de galinha, de pato, de gavião (uma ave nativa da região), de veado, de onça, de coelho e rabo de tatu. Continuando com a categoria zoológica está exposto couro de girita, gato maracajá, casco de cágado, tejo, camaleão, uma variedade de animais nativos da comunidade e que são caçados

para a alimentação do povo, muitas pessoas ainda fazem o uso da caça desses animais. Existe uma casa de maribondo exposta, a criação de abelhas para a produção de mel é uma prática deles, este que é vendido para a cidade de Aratuba. Mais algumas caças típicas da comunidade, são o peba e o tatu, dois animais da mesma família, mas que possuem variações na espécie.



Foto 5 – Museu dos Kanindé (2016)



Foto 6 – Museu dos Kanindé (2016)

Passando para o acervo lítico, que são as pedras, e alguns achados arqueológicos, como por exemplo o Mixó utilizado para a escavação, uma pedra chamado de Cuísco, que diz uma lenda da comunidade que ela cai sobre o efeito de raios e quando cai entra sete palmos abaixo da terra e todo ano ela sobe um palmo. Uma machadinha de pedra, alguns artesanatos em barro que são telhas antigas, onde na comunidade trabalhava-se com barro, faziam telhas e tijolos. Existe também uma peça dos Tremembé, que é um animal do mar, por que os Kanindés tem uma relação muito forte com os Tremembés, então existe uma troca de objetos entre eles. Mais alguns achados arqueológicos, como o Ôquixó um utensílio de pedra, algumas pedras que foram achadas pelas pessoas da comunidade que doaram para Sotero para que ele aumentasse o acervo do museu, a pequena pedra achada pelo Cacique Sotero que deu início a tudo, uma urna funerária trazida dos quilombolas da serra do Evaristo, onde existe um cemitério indígena, que pode ter vestígios da etnia Kanindé. Duas machadinhas de pedra polida, uma achada na comunidade e a outra em Gameleira que também é da etnia Kanindé de Canindé.



Foto 7 – Museu dos Kanindé (2016)

O museu conta com uma estante com o acervo biográfico, com livros, documentos, tanto do povo Kanindé como de outros povos. A maioria dos livros são trazidos de fora, de outras etnias, para que eles possam conhecê-las. Existe um acervo de fotos das lideranças da comunidade. A primeira foto é de Suzenilson e dona Teresa que deram início a educação diferenciada na comunidade. Uma foto do intercâmbio cultural com o com a

comunidade da serra do Evaristo em Baturité, onde eles mantêm uma forte relação. Um quadro com as principais lideranças da comunidade, o pajé, senhor Bernardo, Cícero, Zé Maciel, cacique Sotero, e o senhor Valdo. Uma foto da Tia Teresa. Outra foto do Cacique Sotero junto com a Cacique Pequena, a primeira cacique mulher do Brasil e a mulher que deu início a luta do movimento indígena dos Jenipapo-Kanindé. Outro registro com a dona Célia, o Zé Clóvis, o Cacique Sotero, o Zé Maciel. Mais um registro com a Dona Rita pequena, tia Auzira, tia Luzia, Cacique Sotero, Dona Maria Domingos, Cícero senhor, Zé Maciel, Dona Teresa. Fotos de lideranças importantes, pessoas que contribuíram ou contribuem de alguma forma para a história do povo Kanindé.



Foto 8 – Museu dos Kanindé (2016)

Os museus são espaços de contação de histórias, e essas histórias ganham ainda mais vida e representação quando são contadas pura e absolutamente pelos sujeitos que o constroem e que fazem parte da construção dessa história, sem nenhuma influência de terceiros.

2.1 O NÚCLEO EDUCATIVO

O museu indígena Kanindé conta o núcleo educativo, que funciona em parceria com a escola, tudo que há no museu faz parte da escola. Esse núcleo é composto por jovens da comunidade, eles realizam ações como:

- Seminários;
- Rodas de conversa;
- Intercâmbios;
- Cursos;
- Oficinas;

Utilizam desses projetos para fazer com que a cultura do seu povo não seja perdida e as novas gerações também a aprendam. É uma forma de resgate.

O grupo conta com mais de dez pessoas, mas no começo, em 2011, eram apenas oito. Essa equipe atua com rodas de conversas, na interação com os mais velhos e principalmente com a escola, os componentes do grupo hoje ajudam os professores, por exemplo, em alguma exposição na escola, o núcleo está à frente junto com os professores, é como se eles agissem como um grupo docente da comunidade, como nos conta uma das jovens, Antônia Kanindé, que faz parte desse núcleo:

(...) algumas das atividades que a gente desenvolve é a questão de rodas de conversas, a gente costuma trazer as lideranças da comunidade pra dentro da escola ou levar os alunos da escola até essas lideranças pra ta conversando, discutindo algumas questões e ta se auto-conhecendo melhor e conhecendo o museu. Outras ações são projetos externos, a gente tem jovens que viajaram pra Pernambuco, desse grupo jovens que foram pra Bahia, jovens que tão indo pra São Paulo, e os jovens que hoje estão na faculdade, a intenção é que eles voltem, pra continuar esse trabalho com outros jovens.”

Os componentes do núcleo são todos jovens da comunidade, principalmente os jovens da escola, para manter a interação entre o museu e a escola.

É importante ver os jovens da comunidade envolvidos na luta e na vivência na comunidade, não só apenas como meros participantes, mas sim como participantes atuantes fazendo com que a história não se perca e não deixe se esvaír com o passar do tempo. A participação dos jovens nas pejejas diárias do movimento indígena tem uma representação muito forte.

Conversando com Antônia, que é neta do Pajé Maciel, e uma das jovens mais atuantes no núcleo educativo, ela me conta um pouco como é a experiência dela participando dos movimentos e da militância:

A minha história é um pouco complicada, né. Eu venho de escola municipal, existem duas escolas na comunidade, essa⁶ e a escola municipal. Então

⁶ Antônia está se referindo a escola diferenciada.

quando eu cheguei aqui eu tinha uma visão totalmente oposta dessa escola, eu não queria nem pisar aqui pra princípio, só que aí quando eu conheci o movimento, como ele se dava, e conheci a história que rege esse movimento, eu me auto percebi e me auto identifiquei, claro e evidente que eu tenho a pele branca, mas isso pra mim não implica em nada, a minha mão tem a pele branca, mas meu pai é moreno, tem o cabelo quase liso, então, algumas características são hereditárias dentro da minha família, mas assim, quando eu realmente comecei a andar dentro do movimento, foi com um outro grupo de crianças, o canta e dança, a gente fazia músicas, a gente fazia apresentações eu fui cada vez mais me envolvendo com essa questão. Atualmente eu tenho acesso ao mundo exterior, assim fora da comunidade, participo de eventos em Fortaleza, fora do estado, então, lidar com tudo isso é muito complicado, aqui eu tenho uma realidade lá fora eu tenho outra, então quando você começa a viajar, você começa a desenvolver o senso de liderança juvenil, você tem que conseguir se defender lá fora, por que você é diretamente atacado e constantemente coagido a sair desse mundo. Então, a liderança indígena jovem, ela se forma dentro do movimento. O meu primeiro evento, que marcou a minha trajetória dentro do movimento, foi uma assembleia indígena que foi em Quiterianópolis. O que forma o jovem é o movimento, a escola é apenas o suporte, e nós enquanto juventude temos que compreender isso, temos que saber lidar com o exterior e com o interior da comunidade, e saber se defender muito bem, e só aprende no movimento, só aprende na prática.

O movimento indígena promove certos conhecimentos que não podem ser aprendidos dentro da sala de aula, pois apesar de ser uma escola diferenciada, a instituição ainda precisa seguir um plano educacional imposto pelo governo. O aprendizado informal que o movimento proporciona forma e prepara os jovens para as dificuldades a serem enfrentadas dentro do ideal indígena de luta.

Em entrevista com Valdilane Santos Alexandre que estudou na escola diferenciada, participou do núcleo educativo e hoje está na Unilab cursando Licenciatura em Química, indaguei a ela como foi a sua experiência no núcleo educativo:

Quando eu fiquei mais ativa no núcleo, acho que eu pude ver, conhecer a história de como cada coisa surgiu de onde que veio aquilo, como o povo surgiu. Por que você é índia, você sabe da história, mas você tem aquele lado afundo que nem todo mundo conhece né. Acho que a minha experiência no núcleo foi pra isso, foi pra conhecer realmente, pra ter certeza, pra ver e eu acredito que as experiências que eu tive lá eu trago até hoje pra minha vida na Universidade. O meu tio, Suzenilson, como ele também tá a frente do núcleo, das coisas do museu, ele sempre dava força pros alunos, pra nova geração, que pesquisa-se, que tenta-se realmente conhecer. Acho que a partir do momento que eu entrei pro núcleo educativo, foi realmente pra conhecer, pra tá ajudando, pra tá dando oportunidade pra que as crianças conheçam, já aprendam desde criança a importância do museu, a importância do núcleo.

Ela relata também que quando chegou à Unilab, ficou impressionada com o julgamento que as pessoas faziam dela por ela não ter as características que a sociedade pensa do que é ser índio e que foi indagada por perguntas como: Índio tem cabelo cacheado? Índio usa aparelho? Reações que ela não julgava encontrar com tanta frequência principalmente em um meio acadêmico. Contudo ela se sente feliz por estar na Universidade e julga que tem uma missão:

(...) de mostrar que, não só o povo Kanindé, mas os outros povos do Ceará tem sim força dentro de uma Universidade. Ainda é restrito o número de pessoas nas Universidades, mas que, uma frase que o meu tio sempre fala ‘que avance e avançaremos’, então estamos aqui pra avançar né, pra tentar, pra conseguir avançar.

Quando perguntei sobre como ela se sente agora na Unilab, se ela se sente representada dentro da Universidade ela me responde que não, fala que sente falta da integração com os povos indígenas:

Acredito que a Unilab quando teve essa visão de integração, claro que o foco talvez fosse fora do país, mas onde é que fica a identidade do país? Onde é que fica as raízes, né? Por que você vem pro Brasil pra estudar aqui e se pergunta, e índio, onde é que tá? Quando eu cheguei, realmente, às vezes eu fico me perguntando, ah eu to numa Universidade que é da integração, mas que não tem integração com o próprio povo indígena. Por que não tem visibilidade, por que até então quando você chega na sala de aula e o professor fala em relação a isso que você é indígena, o pessoal se surpreende de saber que tem uma índia na Universidade, é como se fosse algo tão surreal, que como se não tivesse como o índio tá na Universidade que eu penso, como o povo ainda é sem informação, de verdade. Mas eu não me vejo representada, ou muito pouco representada.

Valdilane pensa em terminar a Licenciatura e voltar para a comunidade para ajudar, por que há uma necessidade de professores indígenas na área em que ela vai se formar.

É muito importante saber que jovens como Valdilane, como Antônia, estão interessados e engajados nas lutas por sua comunidade. Com certeza muitos outros jovens, que passem pelo núcleo educativo ou se limitem apenas a escola, estarão sempre buscando o melhor para a comunidade e para manter viva a tradição. Como Valdilane disse uma frase que seu avô, o Cacique Sotero, sempre diz, “Eles são os troncos velhos, e os troncos velhos alguns estão indo embora, e os troncos novos estão aprendendo para dar continuidade à história do povo pra que não morra”.

3. HISTÓRIA ORAL: A IMPORTÂNCIA DA ORATÓRIA NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE KANINDÉ.

Contar a história e trajetória de um povo não é tarefa nada fácil, principalmente quando não se faz parte do cotidiano daquela comunidade. Se tratando dos Kanindé, temos como fonte de história o museu que permanece como uma forma de preservação da cultura e da história dispendo de objetos materiais. Mas também não podemos esquecer-nos das histórias contadas através de gerações e gerações que assim mantiveram viva a história deste povo.

Essa nova historiografia, essa conversa entre História e Antropologia, não se baseia apenas nos estudos tradicionais, ela abre caminhos para descobrirmos “a riqueza cultural das sociedades e dos diversos elementos, minoritário e majoritários, dominantes e dominados, que as compõem”. (NETO, 1997)

A memória é uma ferramenta muito importante, principalmente quando não há material escrito o suficiente para contar a trajetória de um povo. A memória se constitui em dois elementos. Segundo Pollak:

Em primeiro lugar, são os acontecimentos vividos pessoalmente. Em segundo lugar, são os acontecimentos que eu chamaria de “vividos por tabela”, ou seja, acontecimentos vividos pelo grupo ou pela coletividade à qual a pessoa se sente pertencer. (POLLAK, 1992, p. 02)

No caso dos Kanindés, as histórias pessoais são muito importantes para a construção da identidade. As lideranças da comunidade sempre são ouvidas e suas histórias pessoais ou coletivas sempre são levadas com o máximo de seriedade.

Em minhas visitas à comunidade, conversei com algumas lideranças – infelizmente não pude conversar com todas - e destas pude tomar relatos muito importantes. Em conversa com Cacique Sotero ele nos conta como foi o começo do processo de reconhecimento dos Kanindé:

Eu sou Sotero, meu nome é Jose Maria Pereira dos Santos, mas eu tenho o apelido de Sotero, que esse nome de Sotero foi o meu avô que botou, dizia minha mãe, que minha mãe já morreu né, eu tinha, tinha três anos né o meu avô botou esse apelido em mim, e por isso pegou que hoje o meu nome verdadeiro de batismo é difícil o povo conhecer, só me conhece mais como Sotero né, que talvez esse nome seja minha origem mesmo de nós dos índios né, mas num sei se é ou se num é né. A história da pedra que eu descobri que eu vinha, por causa da mamãe ter dito essa história da pedra que era dos

índios e que esses índios viviam aqui, morava aqui e meu avô por donde ele veio, por donde ele passou, tudo conhecendo que ele era índio né, e meu bisavô, e aí foi daí que nós se conhecemos, só que nós não se declarava como índio né, por isso que vem essa história de 1995, a missão Tremembé fez um convite pra eu arrumar uma pessoa e ir pra um encontro em Maracanaú lá, que ia acontecer um encontro, quando nós chegamos lá o encontro era dos índios, era nós os Kanindé, os Tremembé, os Jenipápo-Kanindé, os Tupinambá de Crateús e os lá de Poranga, nós tudo junto em cima da serra lá de Maracanaú e passemo cinco dia lá e a história foi só índio né, história de índio né, e aí de lá, nasceu aquela coragem de eu chegar aqui na comunidade, mais meu companheiro e formar uma reunião e dizer como tinha sido a reunião lá né, e aí foi esse companheiros na primeira reunião descobriram que eram, era índio né, que era meus tio né, que morava aqui né, que uns já morreram, se tiver uns dois, mas tem as família todinha, ai foi que a gente ficou fazendo reunião, fazendo reunião e crescendo, crescendo e participemo pra Funai pedimo a Funai pra vir aqui pra ver a história da gente né, e aí a gente foi e se reconheceu como índio e a missão deu condições a nós, a uma liderança, duas, três, e ai foi aumentando, a gente sair pras outras aldeias né, e contando a história da gente, e trazendo história das outras aldeias né, e daí foi que a gente já vinha, já trabalhando em grupos né, e fazendo a história da escola, mas não como fosse o índio né só que de 95 pra cá todas escolas que tem acontecido dentro desta área todo povo que tão aprendendo, nós se assume como indígena né, como índios né, como os Kanindé né, Kanindé com K, num é com C, C é a cidade de Canindé, mas K é a nossa origem né, quando começa o nome né, e daí foi que nós hoje tamo forte na nossa aldeia, tamo já com, na nossa aldeia hoje nós pode contar com mil e tantos índios né, esses índios tudo cadastrado, essas família se declarando a nossa história, tiveram a coragem de enfrentar.

Vemos na fala do Cacique, que a comunidade sempre está envolvida com as questões do grupo, até mesmo na montagem do museu que se faz de todos e que conta com a participação de todos. “O que está em jogo na memória é também o sentido da identidade individual e do grupo” (POLLAK, 1989, p. 03) Vemos essa mutualidade nos relatos sobre as reuniões feitas em grupos com as lideranças da comunidade, sobre as decisões tomadas visando não apenas o individual, mas a coletividade. “A memória representa a forma de organização de uma nação, sociedade, comunidade, cidade ou grupo social.” (XAVIER, 2009, p. 07).

Notamos uma conformidade e uma paridade nos relatos quando se trata do medo em que havia, por parte dos seus pais, de assumir sua verdadeira identidade e por consequência disso, o assunto ser esquecido. Como nos relata Manoel Constatino de Sousa, conhecido como Pajé Maciel, “(...) meu pai sempre dizia, o índio existe, o índio existe, agora ninguém pode dizer o que era, nessa época né, mas ninguém pode dizer o que é, por que se não vai morto ou se não vai expulso, vai expulso das terras , era assim.” Outro relato é o de

Dona Maria Soares, 79 anos, nascida e criada na comunidade, assim como a sua família. Ela conta que seu pai nunca disse que era índio, talvez pelo medo que sentisse:

O meu pai ele nunca disse pra ninguém que era índio, nunca, acho que ele tinha medo por que de primeiro, as pessoas se fosse falar em índio, era arriscado matarem por que de primeiro fazia era matar os índios, aí ninguém ligou. Depois que eu me casei, com uns anos foi que o meu irmão descobriu era filho duma índia. Foi assim, ela num era casada, foi que vinha um bucado de índio de longe e ia tudo pro Canindé, nesse tempo a minha vó, ela num tinha família não, era uma moça, ela se ajuntou mais os índios e foi pro Canindé de pés, (...). Mas o jeito dele era de índio mesmo, meio cabocãozão. Mas nunca disse, nunca, nunca. Acho que ele tinha medo de dizer, por que a gente espaiava né, o pavo saia espaiando. Por que de primeiro era muito difícil ter índio por que os povo matavam, meu tio, tio Adolfo era índio, outro que chamava finado Bouliviano ele era índio, era meu tio irmão da minha vó, e ninguém nunca sabia depois que foi descoberto. Minha mãe também, os tios dela era tudo índio.

O medo presente no relato dessas pessoas reflete o passado de perseguição e silenciamento que os índios sofreram e que ainda sofrem nos dias de hoje. E também as migrações presentes nos relatos mostram a dificuldade de encontrar um lugar para viver, e podemos imaginar que por diversos motivos, pois agora dependiam da disposição de um patrão que lhes desse um pedaço de chão para morar.

Pajé Maciel também fala da presença dos índios que os “mais velhos contavam”, que havia sempre índios passando por aquela região em direção a Canindé, da índia que foi encontrada na região: “(...) tinha um negociante que morava ali no quebra pau, que a mulher dele tinha sido pegada a dente de cachorro, pequenininha, era uma índia.”. Esse é apenas um dos relatos de índios que passavam pela comunidade. Deduzimos, portanto um grande compartilhamento de culturas e costumes com diversos povos.

Outra característica em comum é a forma de alimentação que sempre é citada. O modo como eles se alimentavam antigamente. Os Kanindé prezam muito pela agricultura, sempre foi uma forma de subsistência, a caça também, mas a agricultura é o que predomina. Vejamos o relato do Pajé Maciel:

A gente comia a batata do mato, uma batata de freira que tem com umas raminha bem miudinha, tem cole, a tapioca da mucunã, o beiju da maniçoba, esse tipo de coisa do mato, fruta do mato, aquela muta quem tem no mato, tem uma muta encarnada, tem uma preta e comia mais outras coisas que tinha no mato antigamente viu, e entonce a gente foi criado.

Em conversa com o Cacique, ele também nos fala da agricultura, dos alimentos que eles plantavam na região, a forma como era a alimentação “antigamente”, que a caça era abundante e hoje já tentam preservar ao máximo os bichos por que estão sendo extintos, principalmente os pássaros.

Vê se que as memórias coletivas são muito importantes. São essas memórias e muitas outras mais, que formam a união e fazem com que a comunidade não perca a unidade, que as suas crenças se fortaleçam cada dia mais. Quando a memória e a identidade estão suficientemente fortes, constituídas, e instituídas, nenhuma influência de nenhum outro grupo externo vai causar uma necessidade de reorganização, nem na identidade coletiva, nem na individual. (POLLAK, 1992).

Saindo da memória coletiva e passando para a individual, podemos notar que até mesmo as memórias individuais influenciam na memória coletiva ou tem certa importância. Como no caso de dona Maria Soares, que foi por muitos anos, parteira da região dos Fernandes, ofício este que ela nos relata com muito humor:

Mais menino eu fiz tanto parto, mais foi muito mesmo, vim deixar de certos tempos que eu adoeci foi que eu vim deixar, mas eu fiz parto demais, fiz de filho, fiz de gente conhecida, andava por todo canto, andava pela balança, todo canto, essas mulher dos Fernandes, essas mulher que já são casada tudo com os parto fui eu que fiz, eu era das parteira boa, agora que eu não faço mais por causa da minha idade, por causa das minha doença, mas ate com 70 anos ainda fiz, depois dos 70 não fiz mais não.

Dona Maria, também faz remédios naturais, faz remédios pra todo tipo de doenças, pra gripe, inflamação, qualquer tipo de problema.

Dona Maria exerceu um papel muito importante dentro da comunidade. Auxiliou no nascimento de várias pessoas da comunidade e de algumas que não moram mais na região. Essas pessoas que agora a tratam como “mãe Maria”, “tia Maria” e lhe pedem a benção, como ela mesma relatou. E a medicina natural é outra fonte muito forte de resistência e preservação da cultura indígena.

A família do Pajé Maciel é reconhecida pelo artesanato com a madeira, ofício esse que foi repassado de geração pra geração e hoje algumas peças estão expostas no museu dos Kanindé. Em entrevista, lhe perguntei como ele havia aprendido este ofício, o qual ele me relatou:

Eu já tinha visto um tio fazendo umas colher de pau, ai eu fiquei só olhando, por que tem gente né que quando ver você fazendo um serviço, fica

perguntando, como é que cê faz isso? Eu não, eu fiquei só espiando. Aí teve um dia que o papai saiu de casa, aí tinha uma vergota de pau chamada João Mole, (...) aí papai saiu de casa e não tinha uma colher de pau dentro de casa, aí eu disse: home quer saber de uma coisa, embora o papai brigue comigo mas eu vou tirar aquela vergota de pau pra eu fazer uma colher de pau. Aí foi inventei um escopim véi, eu mesmo fiz, só que fui e tirei a colherzinha de pau, eu fiz, mal feita, fiz essa colher de pau, aí essa colher de pau parece mentira, durou sete anos. Aí pronto eu meti o bagaço, fazendo, fazendo inté que aprendi fazer colher de pau, aí eu fazia porta, fazia cama, fazia tamburete, fazia gamela, fazia prato no modelo de prato de barro, fazia umas gamelona, fazia gamela grande de botar toucim, fazia cocheira, fazia tudo isso.

Quando cheguei a sua casa ele estava trabalhando em uma colher de pau, ao longo de nossa entrevista ele me mostra outras mais que estavam faltando apenas o acabamento.



Foto 9 – Colheres em artesanato de madeira (2016)

O artesanato do Pajé Maciel e sua família é uma marca de referência dos Kanindé. Uma qualidade individual que foi repassada e hoje é uma das representações do povo.

Quando entrevistei Cacique Sotero, perguntei sobre a reação e os comportamentos das pessoas em relação a eles se haviam sofrido muito ou algum tipo de preconceito, ele me responde que sim e até hoje ainda tem um pouco de receio de sair em viagens, vejamos:

Ainda hoje a gente ainda é discriminado, nesse processo de descobrimento de quem nós era, a gente já vinha sabendo o que era desde os nossos avô, nossos pai né, e mais a gente ter coragem de enfrentar, segurar a nossa palavra indígena, isso aí eu passei por muitos momentos de medo, principalmente quando a aldeia aqui me passaram como cacico né, por que o cacico anda muito né, anda muito por fora, e pro povo daqui do município acreditar na gente num é fácil não viu, a gente era muito discriminado, hoje

não, hoje tá melhor, a gente vai a cidade de Aratuba, a gente tem muitos amigos, eles tão conhecendo a gente já como índio né, mas eu sofri muito isso, num só foi eu não, por que tem as liderança né, que sofreram muito isso, a gente levou nome de vagabundo, a gente levou nome que tava enganando a presidência né, chamava a gente de ladrão né por que diziam que a gente se fazia de que era aquilo (...) mas é perigoso, nós vive num negócio que nós, ainda hoje eu tenho medo de quando eu saio, mas a gente é corajoso, a gente tem aquela coragem danada, mas eu conheço uns cinco cacico que foram mortos, eu conheço vários cacicos que foram mortos, assim que ninguém sabe quem mata, mas num é o negro não nem outro índio, é o branco e nem é um pequeno não. Aí a gente num vive bem seguro não, a gente topa, a gente é e vamo morrer com a nossa origem, que nós samo, nosso sangue de índio mesmo, tem a nossa descendência, mas ninguém vai abrir mais o jogo não, de jeito nenhum e vamo trabalhar pra nossos filhos, nossos netos, nossos bisnetos cada vez mais nasça com coragem.

A memória, os relatos orais também precisam ser conservados, não apenas para os Kanindés, mas para qualquer outro povo. A preservação da memória, tanto individuais quanto coletivas fortalece a identidade, as crenças. É importante dar voz e vez a minorias que por tanto tempo foram silenciadas, seja qual for à forma em que esta voz se apresente. O estudo da memória é fundamentalmente importante principalmente numa sociedade que sempre discriminou e “negou os direitos essenciais para o exercício da cidadania ativa de seus habitantes.” (XAVIER, 2009, p. 08)

Alem de fazer com que estas minorias tenham voz, a história oral nos releva o que as vezes não pode ser descrito, é possível, através da oralidade, ser revelados assuntos que muitas vezes não cabem em documentos, assuntos do cotidiano.

Entretanto, devemos considerar a fragilidade da história oral, a memória por muitas vezes falha e sofre intervenções. Em virtude disso que a documentação destes relatos se faz muito importante para que preservemos estas histórias, vivências e experiências que são relatadas e perpetuadas dentro da comunidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A história dos índios Kanindé de Aratuba foi e é marcada pela interação cultural com outras etnias, outros povos. Percebemos isto desde o primeiro momento em que estes foram agrupados em sesmarias com os índios Jenipapos, que possuíam uma cultura diferente apesar de descenderem do mesmo tronco familiar, e não apenas com estes indígenas, mas com tantos outros durante as migrações. Notamos esta interação também a partir das histórias contadas pelas lideranças da comunidade sobre os índios que passavam pela região em direção ao sertão de Canindé, ou fugindo da seca que assolava o sertão.

“Os contatos culturais são experiências infinitamente ricas e complexas, (...)” (NETO, 1997). A partir das trocas de experiências é que se forma a cultura. Não de uma maneira invasiva e autoritária como foi imposta a este povo e a tantos outros.

Reparamos que essa troca de experiências foi de fundamental importância para o seu reconhecimento como comunidade indígena. Foi através da interação com outros povos durante a reunião em 1995, que foram convidados pelos Tremembés, que percebeu-se a semelhança de vivências e assim a coragem para assumir sua identidade.

Os Kanindés ainda estão construindo sua história. E esta se constrói a partir do museu e da sua representatividade para o seu povo e a partir de suas histórias contadas através das lideranças e dos mais velhos da comunidade, que são passadas de geração em geração. A tradição oral é uma fonte riquíssima de memórias muito importantes para a comunidade. A partir dos jovens que mantêm a cultura e as tradições vivas, sendo dentro da comunidade, dentro da escola ou do museu, ou até mesmo fora da comunidade aonde quer que eles vão.

Para mim, foi muito importante estudar os Kanindés e conhecer muito mais de suas histórias, de suas experiências, suas vivências, seu passado e presente. Espero que este simples estudo possa contribuir para dar mais visibilidade a este povo que é de uma cultura muito rica e que concentra muito aprendizado entre suas várias formas de aprender, seja na escola diferenciada, seja através do museu e seus objetos, ou seja através da oralidade pelas histórias contadas e repassadas através de gerações.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- OLIVEIRA, João Pacheco. *O índio brasileiro: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje*. Brasília: Edições MEC/UNESCO, 2006. (Coleção: Educação para todos, Série Vias dos Saberes nº 1).
- FRANCO, Roberto Kennedy Gomes. *Aprendendo Outras Histórias com os Remanescentes Indígenas no Território Piauiense no Século XXI*. In: MARQUES, Eliana de Sousa Alencar; ARAÚJO, Francisco Antonio Machado. (Org.). **Múltiplos olhares em educação: a pesquisa em pauta**. 1ed. Teresina: Teresina: EDUPI. ISBN: 978-85-7463-918-5, 2015, v. 1, p. 1-222.
- GOMES, Alexandre Oliveira. *Aquilo é uma coisa de índio: objetos, memória e etnicidade entre os Kanindés do Ceará*. Recife, 2012. 274 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia). Programa de Pós-Graduação em Antropologia. Universidade Federal de Pernambuco, Pernambuco. 2012.
- SOARES, Amanda Santos. *Povos Indígenas do Nordeste: a construção dos direitos humanos a partir da mobilização indígena pela reafirmação de sua identidade e demarcação de suas terras*. Programa de Pós-Graduação em Ciências Jurídicas. Universidade Federal da Paraíba.
- SOUZA, Simone de. (Org.). *Uma nova história do CEARÁ*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2000.
- GOMES, Alexandre Oliveira; NETO, João Paulo Vieira. *Museus e Memória Indígena no Ceará: uma proposta em construção*. Fortaleza: SECULT, 2009.
- FARIAS, Airton de. *Uma breve história do índio no Brasil*. Fortaleza: Sistema Ari de Sá de Ensino, 2012. P. 06.
- SANTOS, Juvandi de Souza. Um raio X dos Tapuias Tarairiús vistos pelos pintores e desenhistas que visitaram o Brasil no pós-contato. *Revista Tarairiú*, Campina Grande-PB, v.1, n.07, p. 24 – 31, janeiro de 2014.
- POLLAK, Michael. MEMÓRIA E IDENTIDADE SOCIAL. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v.5, n.10, p. 200 – 212, 1992.
- POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v.2, n.3, p. 3 – 15, 1989.
- CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (orgs.). *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.
- MALINOVSKI, Bronislaw. *Os Argonautas do Pacífico Ocidental*. In *Ethnologia*, n.s, nº 6 – 8, p. 17 – 37, 1997.

XAVIER, Antônio Roberto. *A importância da História Oral como fonte identitária de um povo: um resgate da memória*. Disponível em: <http://www.webartigos.com/artigos/a-importancia-da-historia-oral/20853/>. Acesso em: 15 de abril de 2016.

Os Indígenas no Censo Demográfico 2010: primeiras considerações com base no quesito cor ou raça. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão; Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. 2010. Disponível em: http://www.ibge.gov.br/indigenas/indigena_censo2010.pdf. Acesso em: 06 de setembro de 2015.

SANTOS, José Maria Pereira dos. *Aquilo é uma coisa de índio: objetos, memória e etnicidade entre os Kanindés do Ceará*. Recife, 2012. 274 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia). Programa de Pós-Graduação em Antropologia. Universidade Federal de Pernambuco, Pernambuco. 2012. Entrevista concedida a Alexandre Gomes.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

Entrevista com José Maria Pereira dos Santos, o Cacique Sotero, 73 anos, realizada por Thais Karine Madeiro de Queiroz, em 18 de março de 2016. Aldeia Fernandes, Aratuba, Ceará.

Entrevista com Antônia Kanindé, 17 anos, realizada por Thais Karine Madeiro de Queiroz, em 18 de março de 2016. Aldeia Fernandes, Aratuba, Ceará.

Entrevista com Manoel Constantino de Sousa, o Pajé Maciel, realizada por Thais Karine Madeiro de Queiroz, em 02 de abril de 2016. Aldeia Fernandes, Aratuba, Ceará.

Entrevista com Maria Soares, 79 anos, realizada por Thais Karine Madeiro de Queiroz, em 02 de abril de 2016. Aldeia Fernandes, Aratuba, Ceará.

Entrevista com Valdilane Santos Alexandre, realizada por Thais Karine Madeiro de Queiroz, em 28 de abril de 2016. UNILAB, Redenção, Ceará.